

## Mesa Redonda 5

### Criação/produção/circulação/recepção de Iconografia Musical

#### A Escola de Belas Artes da Bahia e seu acervo iconográfico: aspectos históricos

Anderson Marinho da Silva  
Escola de Belas Artes - UFBA

#### Resumo

A Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) acaba de completar 140 anos de fundação. Essa instituição durante muito tempo foi o principal centro de cultura das artes plásticas/visuais na Bahia, influenciando milhares de artistas que ali estudaram. Entre seu patrimônio artístico, consta diversos trabalhos nas diferentes técnicas, que possibilitam maior entendimento do desenvolvimento da arte na Bahia a partir do final do século XIX. Ligado a história dessa instituição, o Conservatório de Música da Bahia permaneceu anexado a nossa escola por quase 20 anos e a partir dessa relação, esperávamos encontrar muitos exemplos da iconografia musical, principalmente por se tratar de uma escola criada em uma cidade com forte influência musical. Enquanto tema, atualmente, o acervo da Escola de Belas Artes da Bahia mantém poucos exemplos para o estudo da imagem ligada a música, o que nos deixa desapontados e pelo menos curioso. A quase ausência dessa linha iconográfica nos seus primeiros 70 anos de existência pode ser explicada, em boa parte, pela imposição das metodologias acadêmicas desenvolvidas dentro da academia, vigentes até a metade do século passado, todavia, mesmo com o abandono desses parâmetros e com toda liberdade criativa que as concepções modernas implantadas por novos professores na década de 1950 trouxe, o acervo dessa instituição não conserva muitas obras relacionadas com a iconografia musical, o que não prova que não estivessem presentes nas produções dos artistas ligados a escola. Dessa forma resta entender como o acervo artístico da escola se constituiu ao longo de sua história e o que ele revela. Não propomos com esse breve artigo desenvolver uma análise aprofundada dessas obras, e sim entender quais os principais temas preservados no acervo da escola e apresentar alguns aspectos históricos ligados à sua formação. Utilizaremos para tanto, o arquivo histórico da EBA (AHEBA), listas de tombamento das obras e conversas com restauradores e antigos professores.

A Escola de Belas Artes foi fundada em 1877 e desde sua criação, a Academia de Belas Artes (depois Escola) participa das renovações estéticas nas artes baianas. Em seu quadro de professores, vários artistas consagrados nacionalmente deixaram nos acervos públicos e particulares, diversas obras que são representativas da estética adotada em distintos períodos da nossa história<sup>1</sup>. Quando se trata de iconografia musical, parece que no passado colonial e durante o império o tema foi mais explorado que na república velha (entre 1890 e 1930), sendo menos frutífera no que tange à temática.

Dentro da Escola de Belas Artes, o sistema de ensino baseado no modelo francês, predominantemente acadêmico, então em voga, utilizou os estudos do corpo humano e de costumes para elaboração da pintura histórica, objetivo maior dentro das academias europeias (Figura 1). Na Bahia, o retrato foi o tema mais representado pelos pintores entre o final do século XIX e as primeiras três décadas do XX, atendendo a grande demanda por políticos e instituições, seguido da pintura de paisagem difundida pelos pintores Presciliano Silva (1883 a 1965), Robespierre de Farias (1884 a 1975), Alberto Valença (1890 a 1983) e Mendonça Filho (1895 a 1964) que foram estudar na Europa nas primeiras décadas desse século. O interessante é que o projeto de Academia de Belas Artes na Bahia, esteve associado desde o início a um curso anexo de primeiras letras, dando formação básica aos jovens alunos e, também a um Conservatório de Música. Esperávamos que essa convivência com a música, por duas décadas, influenciasse os trabalhos de professores e alunos, o que parece não ter acontecido. Sobre a passagem do Conservatório pelo Solar Abbott, sede da Escola de Belas Artes até a década de 1960, Moisés Silva Mendes<sup>2</sup> desenvolveu uma dissertação de mestrado dentro do Programa de Pós Graduação em Música, em 2012.

Quanto ao acervo artístico da escola, começou a ser criado com uma concessão<sup>3</sup> da Província para ceder parte dos modelos de gessos da coleção do Lyceu de Artes e Ofícios solicitada pelo então diretor Miguel Navarro e Cañizares para a-tender às aulas de desenho e também de pintura (Figura 2). Posteriormente, a Escola adquiriu através do Estado, objetos modelados em gesso, diretamente de Paris para servirem às metodologias do ensino da arte<sup>4</sup>. Esses objetos já estavam em solo baiano em julho de 1878, segundo comentários presentes na reunião de Congregação da escola de 02.07.1878, ou seja, três meses depois da aprovação da aquisição

1 Ver os textos de Juarez Paraíso (1996) e de Viviane Rummler da Silva (2005 e 2008).

2 Uma História do Conservatório de Música da Bahia (1897-1917): Seu processo fundacional, funcionamento e impacto social. Programa de Pós-Graduação em Música. UFBA, 2012, 189 p.: il.

3 Requerimentos despachados pala Presidência da Província no dia 26.12.1878. *Jornal O Monitor*. 13.01.1878, p. 3.

4 AHEBA. Envelope 38. Atas das Sessões da Congregação. 1878 a 1895. 02.004.11878, pp. 6 e 8.

dos objetos. Essa coleção vai ser enriquecida com outras aquisições influenciadas pelo professor russo Maurice Grün e do professor francês de estatuária Joseph Gabriel de Sentis, em 1896. A restauradora Rosana Rocha Baltieri, desenvolveu uma importante pesquisa sobre os gessos dessa coleção revelando informações importantes sobre a trajetória desse acervo.<sup>5</sup>

**Figura 1.** Aulas de Modelo vivo no Solar Abbott na Rua 28 de Setembro.



Fonte: Acervo da EBA-UFBA, Autor não identificado, s.d.

**Figura 2.** Aulas de Desenho a partir dos gessos, década de 1950.



Fonte: Acervo da EBA-UFBA, Autor não identificado, s.d.

5 Ver o trabalho de Baltieri (2019, pp. 17-26).

Além dos gessos, muitos professores que ali ensinaram, deixaram obras na escola, como os desenhos de Maurice Grün (raríssimos), os estudos dos pintores Manuel Lopes Rodrigues, Archimedes José da Silva, Antonio Olavo Baptista, esses desenvolvidos em seus respectivos períodos de formação na Academia Julian de Paris, entre 1885 e 1907, além de cópias de obras importantes de Museus franceses, realizados pela imposição de contratos firmados com a EBA, além de diversos trabalhos adquiridos com o recurso do Legado Caminhoá, entre 1919 e 1960.

Entre os desenhos de Maurice Grün possuímos alguns desenhos de cabeças de homens e mulheres, em fusain, e do escultor Joseph Gabriel de Sentis, um busto de mármore do diretor Braz Hermenegildo do Amaral (Figura 3) que geriu a escola entre 1894 e 1900, busto esse, esculpido para servir de propaganda para futuras encomendas do artista<sup>6</sup>. O Professor Gabriel de Sentis também deixou um positivo em gesso da cabeça de São João Baptista, que foi fundido em bronze em 1952 (Figura 4).

Esses trabalhos são raros, pois tanto o mestre russo naturalizado na França, quanto o francês Gabriel de Sentis pouco deixaram em nossa cidade. Do Maurice Grün, além das obras da EBA, existe uma pequena coleção de pinturas na Fundação Museu Carlos Costa Pinto onde podemos contemplar as escolhas estéticas e sua técnica precisa. O papel desse pintor na formação de alguns pintores baiano é pouco valorizado por ser estrangeiro e por ter permanecido na escola no mesmo momento que Manuel Lopes Rodrigues assumiu as aulas de pintura após retornar de Paris. Ainda será analisado o papel de Maurice Grün na formação de grandes nomes da pintura baiana como Presciliano Silva, Oséas Alves dos Santos, Archimedes José da Silva e Antonio Olavo Baptista. A convivência não passa despercebida nas semelhanças entre a produção desses artistas com os temas e fatura do mestre francês.

Dentro do contrato firmado entre a EBA e os primeiros pintores contemplados com prêmios de viagem à Europa, possuímos algumas academias masculinas e femininas, como as de Archimedes José da Silva (Figura 5) e Antonio Olavo Baptista, desenvolvidos em seus respectivos períodos de formação na Academia Julian de Paris, 1897 - 1902 e 1907 - 1909 respectivamente.<sup>7</sup>

Essa prática era comum e seguia as recomendações da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. Esses contratos obrigavam aos artistas a enviarem vários estudos por semestre e uma vez por ano, uma cópia de uma obra importante de um dos museus de Paris, além de uma obra autoral sobre um tema histórico importante.

---

6 *Diário de Notícias*. Exposição. 27.08.1898, p. 1

7 AHEBA, Atas de Congregação da EBA 1900 a 1931, 200 p.

**Figura 3.** Joseph Gabriel de Sentis. Busto de Braz do Amaral, mármore, 1898.



Fonte: Setor de Conservação e Restauração da EBA-UFBA

**Figura 4.** Gabriel de Sentis. Cabeça de São João Batista, (modelagem, séc. XIX). Fundido em bronze em 1952.



Fonte: Setor de Conservação e Restauração da EBA-UFBA

**Figura 5.** Archimedes José da Silva. Academias. Óleos sobre tela, 1899.



Fonte: Setor de Conservação e Restauração da EBA-UFBA. Fotografias: Rosana Baltieri.

Algumas das obras firmadas nesses contratos não se encontram mais no acervo da EBA<sup>8</sup>. Robson Santana, em 2003, desenvolveu para a disciplina História das Artes visuais na Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire, um artigo que pode ser encontrado na Revista OHUN da Escola de Belas Artes.<sup>9</sup>

O acervo também possui alguns estudos de Manuel Lopes Rodrigues, adquiridos após a sua morte, cópias de Pierre-Paul Prud'hon e de Tessaert<sup>10</sup> (Figura 6), ambas do museu do Louvre, uma cópia do cristo crucificado do pintor espanhol Miguel Navarro e Cañizares (Figura 7), além de algumas academias<sup>11</sup> e retratos. Entre os retratos produzidos por Manuel Lopes Rodrigues, alguns retratos como o de seu pai João Francisco Lopes Rodrigues, inaugurado ainda no Salão Nobre da EBA em 1884.<sup>12</sup>

Manuel Lopes Rodrigues foi contemplado com subvenções aprovadas no Rio de Janeiro, enquanto Archimedes José da Silva e Antonio Olavo Baptista pela Assembleia Legislativa da Bahia. Esses artistas não tiveram nenhuma ligação com o prêmio de viagem Caminhoá. Dos concursos para viagem à Europa realizados com verbas do Legado Caminhoá, dentro do nosso acervo foram preservadas obras de Carlos Sepúlveda (torso de São Sebastião), Mendonça Filho (Labatut perante o tribunal de 1921), Emídio Magalhães (Vaqueiro de couraça de 1932) e Ismael de Barros.

Ainda com recursos do Legado Caminhoá, naqueles anos que não haviam candidatos aprovados para viagem à Europa, foram adquiridas obras de professores antigos e também dos novos para figurarem na pinacoteca da escola, como Manoel Lopes Rodrigues (academia, nu feminino), Carlos Sepúlveda (busto de homem), Pasquale de Chirico (Remorso), Antonio Parreiras (Inferno verde), Alberto Valença (Ancoradouro de concarnot) e (Igreja de Santana), Raimundo Aguiar (Natureza morta), Newton Silva (Interior de igreja) Rescala (Baianas), Maria Célia (Nu com colcha de retalho), entre outros. De Mendonça Filho, além da obra Labatut, prêmio de viagem Caminhoá 1921, a escola possui a “Peixeira Napolitana” da década de 1920, adquirida na década de 1960 pela universidade.

Ao que parece, as regras dos concursos financiados pelas subvenções de estados, não se aplicavam ao Legado Caminhoá, pois os artistas contemplados com

8 SANTANA, Robson. Em Busca da Pintura de Archimedes José da Silva. PPGAV. EBA-UFBA, 2003, 20 p.: il.

9 Disponível em <[http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/A\\_Pintura\\_de\\_ArchimedesSilva\\_RobsonSantana.pdf](http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/A_Pintura_de_ArchimedesSilva_RobsonSantana.pdf)>.

10 Joanna Lopes Rodrigues. A tarde, 22,09,1926, p. 2.

11 As academias eram estudos do corpo humano nu, em sua totalidade, podendo ser masculino ou feminino, deitados ou em posições diferentes para explorar a estrutura anatômica do corpo.

12 AHEBA. Envelope 51. Atas das Sessões solenes da Academia de Belas Artes da Bahia. 04.03.1884, pp. 27-28.



o prêmio Caminhoá de viagem a Europa não enviaram nenhum estudo ou cópia desenvolvida nos países estrangeiros.

**Figura 6.** Manuel Lopes Rodrigues. Cristo na Cruz (Cópia da obra de Tessaert). Óleo sobre tela, Século XIX.



Fonte: Setor de Conservação e Restauração da EBA.

**Figura 7.** Manuel Lopes Rodrigues. Cristo Crucificado (Cópia de Cañizares), Óleo sobre tela, século XIX.



Fonte: Setor de Conservação e Restauração da EBA.

Outra parte significativa do acervo foi constituída através dos diferentes concursos para professores, apenas aqueles de disciplinas práticas como pintura, gravura ou escultura, principalmente após a criação da Universidade da Bahia, em 8 de abril de 1946, e a incorporação da EBA em 1947. Dessa época o acervo preserva gravuras de Henrique Oswald, do concurso para docente da disciplina de Gravura, assim como pinturas de Emídio Magalhães, das provas de concurso docente e livre docente de Pintura, ambas da década de 1950, embora não trazendo referências musicais.

Durante a trajetória da Escola também era comum as doações de artistas como Maria Célia, Juarez Paraíso e de muitos professores pós 1960. Quase todos os professores que fizeram concursos na EBA possuem obras em seu acervo, até mesmo os atuais. Com a criação da Galeria Cañizares, na década de 1970 a Escola de Belas Artes passa a fazer grandes exposições e algumas obras foram doadas pelos expositores, enriquecendo o nosso acervo. Ainda hoje é uma prática dentro da galeria que expositores externos doem algum trabalho para o acervo. Isso criou um volume de obras realmente grande, entretanto, nem tudo foi preservado e entre o que existe muito pouca coisa pode ser ligada a iconografia musical.

Todo esse acervo sempre foi controlado através de livros de tombamento, embora em alguns momentos as informações entre esses documentos sejam desconstruídas ou alteradas no que tange as informações das obras como nome do autor, dimensão ou mesmo a técnica empregada. Um dia alguém confrontará os diversos documentos de tombamentos que a Escola possui com várias obras que transitam em acervos particulares e também em instituições públicas.

Diante dessa trajetória, buscamos dentro da nossa própria história informações que revelassem uma relação temática com a música, principalmente em uma cidade com tamanha diversidade cultural e com forte tendência musical. Para nossa surpresa nossas buscas não lograram êxito. Entre as poucas obras que fazem referência a iconografia musical temos os relatos referentes à inauguração de um quadro do Maestro Carlos Comes ainda no século XIX; todavia, o quadro não mais existe e não encontramos nenhuma ilustração do mesmo. Consta na ATA de sessão de Congregação do dia 05.04.1880 que os alunos do curso superior, em quase sua totalidade, requereram dispensa de trabalhos a noite para participarem das manifestações à Carlos Gomes, sendo atendidos pela congregação.<sup>15</sup> Ainda do século XIX, sabemos que Manuel Lopes Rodrigues realizou uma tela intitulada “Orquestra ambulante” durante sua formação em Paris, que faz parte do acervo do Museu de Arte da Bahia (MAB). Essa tela representa um menino pobre que tocava diversos instrumentos musicais pela cidade para sobreviver (Figura 8).

---

13 AHEBA. Envelope 38. ATA de sessão de Congregação. 05.04.1880, pp. 33-34.



Figura 8. Manuel Lopes Rodrigues. “Orquestra ambulante”, óleo sobre tela, 1898.



Fonte: Acervo do MAB.<sup>14</sup>

Embora esse artista tenha pintados inúmeros quadros, dentro do acervo da EBA, como comentamos, seus quadros não abordam temas correlatos à música.

Segundo as Memórias de Oséas Alves dos Santos, antigo professor de pintura da Escola de Belas Artes e exímio retratista, dedicou-se a música, tocando trombone de vara e piano, sendo sócio da Maçonaria (antigo Abrigo da Humanidade) reunindo em sua casa recitais com piano para seus irmãos, cunhados e vizinhos. Interessante é notar que não aparece em sua produção representações de músicos nem temas ligados a iconografia musical. Assim como Oséas, o professor

---

14 Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:M\\_Lopes\\_Rodrigues\\_PDart.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:M_Lopes_Rodrigues_PDart.jpg)>.

Agripiniano de Barros, músico e pintor, não deixou pinturas na escola com tais elementos<sup>15</sup>, embora Laudelino Freire (1916, p. 239)refira entre suas obras “um violinista original” e “uma lição de piano”.<sup>16</sup> Segundo Octávio Torres (1955, p. 4) Agripiniano Barros era natural de Pernambuco. Transferiu-se para a Bahia para estudar farmácia. Segundo o autor, era autodidata por excelência, conhecendo ao fundo a matemática elementar. Ensinou na EBA e foi catedrático do Conservatório de Música, onde ensinou vários instrumentos.<sup>17</sup> Desse professor pouca coisa restou.

Os temas ensinados na escola antes de 1940 se restringiam ao estudo do corpo humano, seja através da cópia de modelos de gessos, ou nas aulas de modelo vivo, além do estudo da paisagem, utilizando fotografias inicialmente, depois em aulas *alla prima*.<sup>18</sup> Viagens de estudos pelas cidades do interior da Bahia<sup>19</sup> e do recôncavo baiano eram comuns durante as décadas de 1940 e 1950. No acervo consta obra de Pasquale de Chirico, “Retrato Masculino”, (carvão sobre papel. 58 x 40 cm, 1938) e Ismael de Barros (medalhões em gesso e alto relevo em bronze do rosto de Pasquale de Chirico). As tentativas em fugir desses parâmetros acadêmicos sempre foram muito combatidas dentro da EBA antes de 1940, todavia, Mendonça Filho foi um gestor que soube se relacionar com os mais jovens e permitiu que os pesquisadores modernos não fossem estigmatizados. Sobre esse artista, desenvolvemos uma dissertação no ano de 2013 que apresenta um pouco da sua obra, suas escolhas temáticas e sua passagem pela direção da EBA entre 1947 e 1961. No que tange as lutas modernas na Bahia, o professor Juarez Paraíso escreveu uma infinidade de artigos sobre a luta dos modernos e suas realizações, não sendo objeto de nossa análise.<sup>20</sup> Na EBA, pouco havia mudado, muitos estudos do corpo, estudos da paisagem baiana, cenas urbanas da Bahia colonial, com seus becos, vielas, torres de igrejas. Das décadas de 1950 e 1960 o acervo também preserva trabalhos abstratos, geométricos e ainda alguns acadêmicos. Podemos citar obras de Dante Lamartine “Paisagem” (óleo sobre tela, sem data), Alfredo Araújo, “Marinha” (óleo sobre madeirite, 39,5 x 48 cm, 1954); Diógenes Rebouças (paisagem, óleo sobre tela, década de 1950); Henrique Oswald (gravuras figurativas).

15 Memórias de Oséas Alves dos Santos (in) Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº 26. 1961 – 1966, p. 134-173.

16 Infelizmente nenhuma das duas obras foram encontradas em acervos para reprodução fotográfica.

17 AHEBA – Envelope 51 – Atas das Sessões Solenes da Academia de Bellas Artes, p. 71 – Segundo o termo, Agripiniano de Barros foi empossado na Cadeira de rudimentos de música em 08.02.1898.

18 Pinturas desenvolvidas em uma única sessão diretamente do objeto retratado, seja paisagens ou cenas urbanas.

19 No AHEBA-UFBA há diversos documentos e relatórios informando sobre essas viagens de excursão nas décadas de 1940 a 1960.

20 Ver também o trabalho de Sante Scaldaferrri (1997).

A década de 1960 foi revolucionária para as artes na Bahia e abriu espaço para uma infinidade de pesquisas, com metodologias mais livres, que aproveitaram o lado intuitivo dos alunos, o acervo passa a refletir outras abordagens. Desses, no acervo, existem trabalhos inovadores para a época, com massas densas, que retratam os professores Mendonça Filho e Carlos Sepúlveda, de autoria de Juarez Paraíso. Os documentos do Núcleo de Conservação e Restauração identificam obras dos artistas Juarez Paraíso “Aluacer” (xilografura, P.A, 1962, 55 x 36,3 cm); Retrato de Manoel Lopes Rodrigues de autoria de Presciliano Silva, (pastel sobre papel, 59,5 x 76,5 cm, 1961); Obras de Gilberto: “Três corpos femininos nus” (nanquim sobre papel, 36,5 x 55,3 cm, 1963), “Quatro corpos femininos nus” (nanquim sobre papel, 56 x 43,5 cm, 1964), “Dois corpos femininos nus” (nanquim sobre papel, 59 x 46 cm, 1964) Gilberto “Cinco corpos femininos nus”, (nanquim sobre papel, 54,8 x 44,2 cm, 1964); Evandro Schineitter (prova de concurso para cátedra de Composição Decorativa em 1966); assim como obras abstratas de Juarez Paraíso (técnicas mistas, 1966); Emanuel Araújo (escultura em madeira pintada, década de 1960).

É importante lembrar que no final da década de 1960 a EBA perdeu sua sede, o Solar Jonathas Abbott, vendido pela Universidade Federal da Bahia em 1968, sendo transferida suas atividades para o Convento de Santa Teresa de Ávila (Museu de Arte Sacra da Bahia) e suas aulas teóricas para um casarão recém adquirido, em 1966, na Rua Araújo Pinho, atual prédio da Galeria Cañizares. Esse foi um período onde muita coisa se perdeu.<sup>21</sup>

Do acervo da Escola de Belas Artes adquirido ou doado por artistas após a década de 1970, há uma predominância de pinturas de retratos, estudo do corpo humano como cabeças ou bustos, representações de paisagens locais e muitas abstrações sendo geométricas ou não. Percebam que ainda se mantém as representações do corpo humano, dessa vez, com fatura totalmente moderna, com uso de cores saturadas e desenho mais fluidos e menos realista.

O acervo de escultura da EBA mostra-se menor em relação a pintura, embora seus exemplos sejam muito importantes e reflitam a busca por renovação no uso de diversos materiais (madeira, metal ou resina), entretanto há uma tendência a abstração geométrica, embora ainda exista obras mais tradicionais como o busto de Hansen Bahia.

Da década de 1970, Rosana Baltieri (2015) identifica as seguinte obras: Carmem Carvalho, sem título (óleo sobre tela, 1973); Terezinha Dumet (gravura,

---

21 Sobre a transferência de sede da EBA ver: SILVA, Anderson Marinho da. As mudanças de Sede da Escola de Belas Artes. Na Rua 28 de Setembro, no Convento de Santa Teresa de Ávila e na Araújo Pinho. Caderno do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA. n. 6. Salvador: Edufba, 2009. p. 137-150.

57 x 41 cm, 1975); Luciene, sem título, série “Yemanjá” (técnica mista, gravura com relevo e pastel, 66 x 50,3 cm, 1976); gravuras de Juarez Paraíso: “Corpo feminino – Romilda” (gravura, 59 x 38 cm, 1975); Sem título e sem data, 53,5 x 49,5 cm (gravura em metal, P.A); “Porto L. Belefort”, “Rio São Francisco”(gravura, 1/10, 73 x 50 cm, 1971); Rosário Barroso (técnica mista sobre papel, 50,5 x 35 cm, 1976); Bernadete, “sem título” (abstrato geométrico, pastel sobre papel, 48 x 33 cm, 1978); James (nanquim sobre papel, 20,5 x 45,5 cm, 1971); Bartira (nanquim sobre papel, 36,5 x 48 cm, 1973); Edson Barbosa (pastel seco sobre papel, 46 x 35 cm, 1975); Makalé (técnica mista sobre papel, 48 x 34,5 cm, 1978); Gildo Santana (técnica mista sobre papel, 41 x 28,5 cm, 1978); Dilson Midlej “sem título” (xilogravura, 52 x 31 cm, 1979). Do conjunto de obras dessa década (1970) apenas uma obra escultórica abordou a iconografia musical.

**Figura 9.** Amos Melo. *Banjo*, baixo relevo pintado em madeira, 1975.



Fonte: Setor de Conservação e Restauração da EBA.

Trata-se de um baixo relevo pintado em madeira de autoria de Amos Melo, datado de 1975. É representado uma espécie de banjo com folhas de palmeiras no local das tarraxas. Nos arquivos não foram identificadas outras informações sobre esse trabalho.<sup>22</sup>

22

Relação de obras tombadas. Setor de Conservação e restauração EBA-UFBA.

Existem muitas obras sem datas ou informações de origens. Se esses documentos existiram, não encontramos no arquivo documental e aguardam pesquisas. Provavelmente desenvolvidas entre 1970 e 1980, esse acervo é composto por fotografias, gravuras e desenhos dos artistas J. Cunha, Neuza Castro, Yeda Maria, gravuras de Adam Firnekaes e Hilda Oliveira, Mario Cravo Neto, Calazans Neto, Marlene Cardoso, Deca Conde, Valter Araújo, Marcia Magno, Guache Marques, Juarez Paraíso, Roberto Llotta, Van Gonzaga, Eduardo Eloy, Rogerio Gomes, Ramiro Bernabó, Zene Carvalho, Fernando C. Filho, Dalva Leite, S. Rabinovitz, Bel Borba, C. Carvalho, V. Bezerra, Challet, Manoel Francisco, L. Celuque, Alma Andrade, Yolanda, Sonia Rangel, Graça Ramos, Mazo, A. Brasileiro, A. Rebouças, F. Sheppi, Carlos A, JAB, Maria Ilka, N. Sampaio, Carlos Bandeira, R. Coutinho (retrato). Esses trabalhos são abstrações geométricas, estudos do corpo humano, da paisagem ou fotografias manipuladas. Os temas abordados não têm vínculos formais com a iconografia musical, entretanto devem ser investigadas.

Da década de 1980, Rosana Baltieri (2015) identifica as seguintes obras: Denise Pitágoras, “Temática nordestina” (xilo policromada, 60 X 39,5 cm, 1981); Dália, “Paison Noir” (água tinta, ponta seca sobre papel, 50,5 X 70,5 cm 1981); Washington Falcão, sem título (litogravura, 66 x 66 cm, 1988); Adele Balázs "Estrutura III", (gravura, P.A. 68 x 50 cm, 1986); Juarez Paraíso, “Medusa” (gravura, P.A. nanquim 77 x 58 cm. 1989); João J. Spinelli (técnica mista sobre papel, 45 x 33 cm, 1989); Renato Medeiros, “sem título” (xilogravura policromada, P.A, 54 x 45 cm, 1980); Jarina, sem título (técnica mista sobre papel, 50 x 35 cm, 1988); abstrações e figuras humanas de Ana Maria Atahíde Caldas, Maria Lucia Argolo e de Zivé Guidici de 1982 (este provavelmente prova de concurso); Luiz Mario C. Freire, “Nu feminino sentada” (Prova de Concurso - pastel sobre papel, 50 x 70 cm, 15.04.1982); Abstrações de Carmem Carvalho (1982); Litogravura policromada de Bebetto e obra de Gias, (Mista sobre papel, 35,5 x 49 cm, 1982).

Entre as obras, existe um projeto/estudo a lápis, provavelmente para ser utilizado na decoração do carnaval da Bahia, sem data ou assinatura, que apresenta um índio com diversas flautas. O trabalho se encontra muito deteriorado e não foi fotografado.

Além do trabalho de Amos Melo e do projeto comentado acima, a escola possui algumas obras do artista plástico Geraldo Bonelli, Bacharel em direito que trocou as leis pelas tintas. Bonelli, como costuma ser chamado, é um dos poucos exemplos dentro do acervo da EBA que nos últimos 30 anos produziu obras que trazem elementos musicais em suas composições.



**Figura 10.** Geraldo Bonelli, sem título, acrílica sobre tela, 2019.<sup>23</sup>

Fonte: Foto do autor, 2019.

Seu trabalho mistura elementos da cultura baiana, o cotidiano dos pescadores e dos bares da ilha de Itaparica. Um imaginário lúdico em seus títulos poéticos, seus “mares e bares”. Essa aproximação é facilmente explicada devido a cultura musical dentro de sua família, pois, sua mãe era pianista e ele mesmo aprendeu e desenvolveu as habilidades nesse instrumento.

Podemos contemplar em alguns dos seus quadros, uma imaginação muito criativa que associa livremente dentro da composição, o espaço perspectivo, seus personagens característicos e algumas possibilidades que só poderiam ser contemplados em sonhos surrealistas.

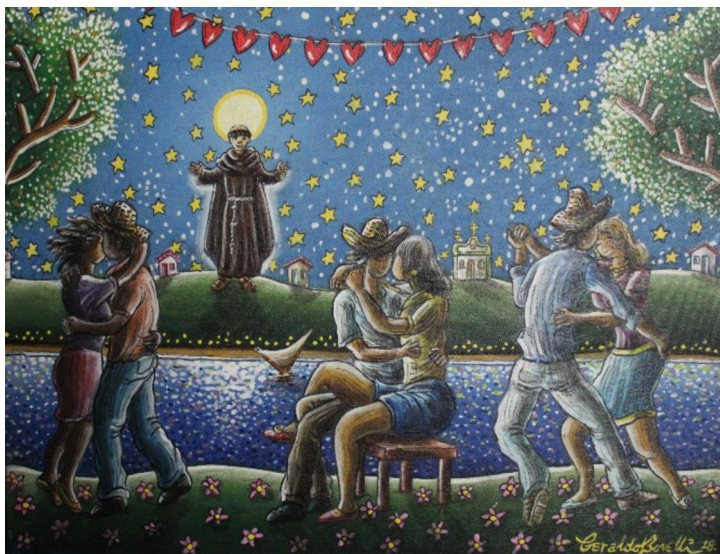
É um grande mestre tecnicamente, podendo desenhar qualquer posição humana, animal ou arquitetônica sem referências, embora tenha um traço muito particular e livre de qualquer academicismo. No plano pictórico, sente-se livre para criar suas narrativas e misturar suas memórias, revelando ao observador um olhar simples sobre a vida, e a beleza do cotidiano vivido na ilha de Itaparica.

23

Não faz parte do acervo da EBA.



Figura 11. Geraldo Bonelli, sem título, 2012.



Fonte: Sala Riolan Coutinho da EBA. Foto do autor, 2018.

Figura 12. Geraldo Bonelli, sem título, 2012.



Fonte: Biblioteca da EBA. Foto do autor, 2019.

Isso também pode ser observado na obra “Indo para a festa de Iemanjá”, acrílica sobre tela com dimensões de 100 x 70cm de 2005. Essa obra não faz parte do acervo da EBA.

**Figura 13.** Geraldo Bonelli. “Indo para a festa de Iemanjá”. Acrílica sobre tela, 100 x 70 cm, 2005.



Fonte: arquivo pessoal do artista.

Nas telas de Bonelli, sempre encontraremos um músico a cantar para a namorada, um samba a animar alguns casais ou um poeta a cantar para lua. Todavia, a maior parte das suas telas que fazem parte do acervo da escola retratam marinhas ou paisagens da ilha da Itaparica e Vera Cruz.

Podemos identificar no mesmo documento realizado por Rosana Baltieri, em 2015, obras da década de 1990: Ayrson Heráclito "Barra", (técnica mista sobre Eucatex, 42 x 55 cm, 1995); Teyciliano, “Cokens e azdas” (técnica mista sobre papel, 101 x 66 cm, 1990); José, sem título, (xilogravura, 47,5 x 37,5 cm, 1960); León Ferrari, sem título (grafite sobre papel, 53,5 x 37,5 cm, 20.03.90); além de obras de Viga Gordilho, Ledna Barbetos, Fernando Pinto, Nelson Magalhães. Das obras que utilizaram o papel como suporte (desenhos, gravuras e infogravuras) não conseguimos identificar ligações com a temática estudada.

Existem também, várias gravuras do Mestre Duda (Eduardo França). Seu trabalho é muito vigoroso e sua qualidade mostra o quanto domina as técnicas da gravura. Seu trabalho, embora pareça à primeira vista abstrações, revela ao olhar mais atento uma gama muito variada de representações baseadas em suas memórias. Nas obras registradas no acervo da escola não pudemos identificar nada referente a iconografia musical.

**Figura 14.** Gravuras do Mestre Duda.



Fonte: Biblioteca da EBA-UFBA. Foto do autor (2019).

Muitos são os nomes consagrados da arte moderna e contemporânea baiana que figuram no acervo da EBA/UFBA e a cada ano, esse acervo é renovado, recebendo novas doações. Entre os mais recentes, obras de Juraci Dórea, Fábio Magalhães, Santi Scaldaferrri, entre outros.

**Figura 15.** Juraci Dórea, sem título, Acrílica sobre tela, 60 X 60cm, 2005.



Fonte: Foto do autor (2019).

Nos últimos 10 anos algumas obras foram incorporadas ao acervo, em grande parte, essas obras advindas da Pós-graduação ou de exposições de alunos e/ou professores não possuem documentos de transferências e não foram incluídas nesse trabalho. Mesmo não as mencionando, estas obras, em uma análise formal, não abordam elementos que podem ser entendidos como iconografia musical.

### **Breves considerações**

É realmente interessante perceber que dentro do acervo da EBA, enquanto temática, há pouca representação da iconografia musical, embora existam relatos entre funcionários mais antigos de artistas que trabalharam com temáticas correlatas. Geraldo Bonelli. É um desses!

Em longas conversas com a restauradora da EBA Rosana Baltieri e em consultas ao arquivo da escola, percebemos que não pode ser descartada a possibilidade de ter existido exemplos em momentos anteriores, mesmo com os modelos acadêmicos praticados por quase 70 anos de existência da Escola. Outro fator relevante a nossa busca, é que muitos exemplares se perderam durante a primeira metade do século XX, principalmente devido à falta de apoio financeiro em momentos de crises.

Há também, relatos dentro das Atas de congregação da Escola, de conflitos entre professores e a instituição o que pode ter levado a muitos desses professores a não deixarem obras em seu acervo, pode ter sido o caso de Lourenço Conceição e de Vieira de Campos, ambos vencedores de prêmios de viagem ao exterior.

Evidentemente que em nossos dias, muitos são os experimentos plásticos relacionados a música, bastando uma simples visita as disciplinas práticas da escola, todavia, todo esse material não se configura como acervo oficial. O que consideramos nesse artigo como acervo da Escola de Belas Artes da UFBA são aquelas obras que foram transferidas de forma oficial à escola, através de documentos assinados e lançadas nas listas de tombamento do setor de Conservação e Restauração da EBA/UFBA.

O acervo da Escola de Belas Artes da UFBA é muito rico e revela a qualidade dos artistas baianos desde sua fundação. Confrontar os registros documentais e o acervo físico revela que muita coisa se perdeu. Essa breve pesquisa ainda tem caráter inicial e, se não revela muitos exemplos da iconografia musical dentro do acervo da Escola de Belas Artes da UFBA, identificou algumas obras como o Banjo (Amos Melo, 1975) e as telas de Geraldo Bonelli (2018 e 2019), abrindo espaço para novas pesquisas, devendo ser ampliada para um maior entendimento das obras e dos artistas baianos ligados a essa instituição.



## Referências

- BALTIERI, Rosana Rocha. **História e técnicas de conservação e restauração de obras clássicas em gesso**. EDUFBA, 2019.
- \_\_\_\_\_. Relação por imagens de obras distribuídas em espaços da EBA-UFBA em 2015, Núcleo de Conservação e Restauo de Obras de Arte (NCROA) 77 p.: il.
- FILHO. Afrânio Simões. Retratos baianos - Memória e Valor de culto na primeira república 1889 – 1930. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) PPGAV, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003, 187p. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9205/1/Afranio%2001.pdf>>.
- FREIRE, Laudelino de Oliveira. **Um século de pintura**. Apontamentos para a historia da pintura no Brasil de 1816 a 1916. Rio de Janeiro: Typ. Röhe, 1916.
- MIDLEJ, Dilson Rodrigues. Juarez Paraíso: estruturação, abstração e expressão nos anos de 1960. Salvador: UFBA, 2008. 200f.:il
- PARAÍSO, Juarez Marialva Tito Martins (org) “Belas Artes” 1877/1996. Belas artes: 1877/1996. Salvador: s.n., 1996. 50 p., il. Catálogo.
- SCALDAFERI, Sante. **Os primórdios da arte moderna na Bahia**: depoimentos, textos e considerações em torno de José Tertuliano Guimarães e outros artistas. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; FCEBA – MAB, 1997.
- SILVA, Anderson Marinho da. Manoel Ignácio de Mendonça Filho e a pintura de marinha na Bahia. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) PPGAV, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. 266 p.: Il.
- \_\_\_\_\_. As mudanças de Sede da Escola de Belas Artes. Na Rua 28 de Setembro, no Convento de Santa Teresa de Ávila e na Araújo Pinho. *Caderno do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA*. n. 6. Salvador: Edufba, 2009. pp. 137-150.
- SILVA, Viviane Rummmler da. Miguel Navarro y Cañizares e a Academia de Belas Artes da Bahia: relações históricas e obras. *Revista OHUN – revista eletrônica do PPGAV da EBA-UFBA*, Salvador, ano 2, nº 2, pp. 219-261, out. 2005.
- \_\_\_\_\_. Pintores fundadores da Academia de Belas Artes da Bahia. João Francisco Lopes Rodrigues (1825-1893) e Miguel Navarro y Cañizares (1834-1913). 2008. 452 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) PPGAV, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- TORRES, Octávio. Academia de Belas Artes da Bahia. In: AHEBA-UFBA. Arquivo Histórico da Universidade da Bahia. v. I. Salvador: EBA, 1953. pp. 209-215.

**Arquivo Histórico da EBA-UFBA (AHEBA)**

Envelope 114- livro de Ata das sessões da Congregação. 1903 -1930. 200 p.

Livro de Atos de empossamento de professores. 1926-1940, 200 p.

Envelope 51 – Atas das Sessões Solenes da Academia de Bellas Artes. 200 p.

Arquivo documental do Setor de Conservação e Restauração da EBA-UFBA.